

# a representação

## romana petri

Tradução de Carlos Aboim de Brito



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

A liberdade de escolha perde-se no labirinto das gerações,  
e neste labirinto cada ato é em si uma sujeição, dado que  
liberta o campo de todas as alternativas e nos liga cada vez  
mais estreitamente às constrações de que é feita a nossa vida.

CORMAC McCARTHY, *Cidades da planície*



# I



O avião da TAP tinha iniciado a descida há pouco. O piloto estava a anunciar que aterrariam dentro de quinze minutos. Vasco viu as horas: sete. De vez em quando uma chegada quase pontual. Era inverno e já estava escuro, dentro de pouco tempo poderiam ser vistas as primeiras luzes de Lisboa refletidas nas águas imóveis do Tejo. Durante toda a viagem fora atormentado por um soluço na boca do estômago que não lhe dera paz. Ligeiros estremecimentos, mas tivera frequentemente a sensação de que o coração perdia uma batida. Voar sempre lhe metera medo, e os medos, mesmo quando acreditamos que os vencemos, continuam a caminhar ao nosso lado. Se querem dar-nos uma trégua ficam a um passo, mas dão sempre a saber que estão ali. Por esse motivo, não obstante o frio da estação, Vasco suara durante todo o tempo. Fizera a viagem em camisa, arregaçando mesmo as mangas e passando continuamente uma mão entre os cabelos. Como sempre que andava de avião, escolhera um lugar ao lado da janelinha. Estava convencido que podendo olhar para fora ajudaria a altura a manter-se estável e os motores a funcionarem todos com o mesmo ritmo equilibrado. O seu olhar atento evitaria o estouro. Alguns anos antes comprara um livro intitulado *Pergunta ao piloto*. Um pequeno manual para viajantes medrosos que garantia respostas tranquilizadoras a qualquer pergunta aterrorizada. Quando tinha de viajar de avião, relia as partes que sublinhara e ganhava coragem sozinho. No fundo era verdade:

aquele enorme monstro de ferro, não obstante o seu peso inverosímil, voava exatamente como muitas outras toneladas do mesmo material faziam flutuar os navios sobre a água. A lógica da engenharia contra a incongruência do facto em si: serem pesados mas voarem com asas abertas sem cair, e navegarem sem ir ao fundo. Mas de vez em quando acontecia. Que respostas tinha o piloto para aqueles desastres imprevisíveis? Imaginava-o ali, com as suas estatísticas ao alcance da mão, a fornecer o número mais ou menos exato de aviões que descolavam e aterravam todos os dias. Um número espantoso. E praticamente chegavam todos sãos e salvos ao destino. «Desculpe-me grande medricas, mas você tem mais possibilidade de morrer com o famoso vaso que poderia cair-lhe na cabeça do que neste belíssimo aparelho que eu conduzo com comprovada habilidade...» Só de ter de ouvir a sua voz, Vasco já se assustava um pouco. Então preferia falar-lhe por cima e, baixando o tom, dizia para consigo: «Não estarei a ficar esquizofrénico como o tio Humberto? Os livros não falam. Podemos lê-los, repetir o seu bonito título, mas ao piloto, quando estás cá em cima, não podes perguntar mesmo nadinha.»

Já se via o Tejo, uma serpente enegrecida que durante uns instantes acompanhava o escuro da noite e depois era iluminada pelas luzes da cidade. Não é que Vasco tivesse visto meio mundo, mas sempre que aterrava em Lisboa pensava que o impacto com aquela cidade seria pungente. Bastava a cor amarelada das luzes, aquele dourado noturno intenso no centro e depois esfumado nos contornos até à extinção. Muitas luzes assim, no fim todas fundidas em simultâneo, tornavam aquela chegada de tal modo artística que ele quase se esquecia do soluço nervoso. De resto, quem tem medo de voar sobre uma coisa não tem dúvidas: a aterragem é sempre menos assustadora do que a descolagem. Queres comparar, pensava de cada vez, separar a famosa sombra da terra ou voltar a pô-la?

E depois, como habitualmente, fechou os olhos. Aguardou o impacto dos pneus, aquela corrida louca sobre a pista subitamente travada. Mesmo assim encerrado, tinha sempre a impressão de sentir o vento na cara e entre os cabelos. Instintivamente passava neles as mãos que não tinham parado de suar.

Não regressava a Lisboa desde que fora viver em Itália com Albertini, depois da famosa exposição de retratos que arrasara toda a sua família. Para dizer a verdade, nem toda, a sua irmã Rita não tivera nada a censurar. Mas, para todos os outros, a partir daquele momento Albertini fora banida do gélido núcleo português.

— Não vamos perder grande coisa — comentara ela durante a viagem de automóvel que os conduziria a Roma. — Não creio que alguma vez tenha agradado ao teu pai, nem à sua mulher Marta ou à tua irmã Joana e ao seu marido Nuno. Digamos a verdade, deste modo tudo é mais claro: é o fim daquelas massacrantes refeições de família, daquelas tortuosas relações. Além disso, ninguém se importa com os gregos... O que tenho eu a ver com quem não se relaciona comigo, com quem não pensa neles? Se não pensas nos gregos, praticamente é como se não pensasses. Qualquer raciocínio te bloqueia na vulgaridade burguesa. O teu pai Tiago e a sua mulher... — prosseguiu, sacudindo-se toda. — Horripilantes. «Fiz isto, fiz aquilo, ganhei muito, tive um sucesso determinado, tenho o telemóvel último modelo, tenho o Mercedes novo porque o último modelo saiu há dois meses, e o que poderia eu fazer, ficava com o velho?» Ah, que medo... Depois arrependia-se de ter retomado aquelas refeições. Deixavam-te em cima uma espécie de cola que endurecia rapidamente. Regressava a casa e tinha a sensação de ter de coçar-me. Como acabaria a minha pele se continuássemos a viver em Lisboa?

— Gente simples — respondeu Vasco.

— Não, a simplicidade é outra coisa. Simplicidade é referível a algo fisicamente constituído por uma pessoa ou por um número mínimo de elementos essenciais capazes de torná-lo facilmente compreensível na sua estrutura e facilmente reproduzível. Como dizer... tipo um ovo.

— E a mim parece-me que tu os reproduziste muito facilmente — concluiu Vasco, tirando o pé do acelerador. — Vê só que viagem de carro cansativa temos de fazer por causa deste cão...

— Ei, ei, ei. Este cão é o nosso querido Barabba. Um imortal. Querias deixá-lo em Portugal? Ou pior, metê-lo no porão do avião? Ele já mo disse mais de uma vez, sabes? Disse: «Eu restabeleço aqui a imortalidade.»

Vasco riu, um ligeiro espasmo no estômago denunciou o seu mal-estar por conduzir durante tantas horas. A falta de alimento inchava-o e dava-lhe acidez.

— Paramos? — perguntou-lhe Albertini, solícita, fazendo-lhe uma carícia na barriga. — É noite e já é tarde. Também me chegou uma certa fominha. Tempo de papa e de toca.

Vasco pensava agora que o avião tocara finalmente a terra e estava a andar com passo tranquilo, na pista, como um monstro pré-histórico acabado de saciar por meio de uma presa apanhada no céu. Poucas coisas lhe pareciam belas como a pista de um aeroporto quando a viagem tinha

terminado. Retomava o pio como um pintainho assustado durante muito tempo. Via-se pela forma como tinha o pescoço. Era como se, depois de muitas horas fechado numa caixa com buracos, tivesse finalmente a coragem de pôr a cabeça de fora impelido por um grande alívio.

Quando a luz dos cintos de segurança se apagou, todos os viajantes se puseram de pé em unísono. Vasco considerava-os uns idiotas. Terminado o medo do voo, voltava a ele, poderoso, o desprezo pelo próximo, aquela frase cunhada com a idade de vinte e oito anos que, segundo a sua irmã Rita que o adorava, fazia parte do seu fascínio: «O mundo é uma conspiração de idiotas.» E sabia sempre produzir um grande efeito mesmo em quem não partilhava o pensamento. Mesmo em quem se sentia posto em causa. Porque a beleza residia nisso, ser convincente apesar de tudo e contra todos. Criar mal-estar. E fazê-lo de modo altivo, com aquela postura ligeiramente alongada pela arrogância, como um toureiro na arena. Era preciso elegância, isto Vasco sabia bem. E ele tinha-a para vender, nascera com ela. A elegância da postura não se aprende, nasce como uma planta. Tudo depende do percurso vertical que o destino lhe atribuiu. A sua irmã gémea Joana, por exemplo, certamente tão bela como ele, não tinha esta atitude dançante. Pelo contrário, quando caminhava perdia-a um pouco, porque tinha uma maneira de andar mais oscilante, com os braços e as pernas um pouco descoordenados, à marinheiro. Por sua vez, ele parecia um príncipe. Se tivesse podido, teria dito aquela frase cirúrgica subindo para um banco para estar pelo menos meio metro acima dos outros. Como fazem alguns gatos dominantes. De todos os seus sofrimentos de infância, Vasco conseguira fazer este grande batido do qual extraíra a essência de uma superioridade, bebido depois com profunda convicção. E, assim, todas as tristezas do passado, tudo aquilo que o seu cérebro pusera de parte, como um cozinheiro faz com a faca quando prepara muitos ingredientes que têm tempos de cozedura diferentes... E, claro, lançara conscientemente no lixo aquele ingrediente da insegurança e da inferioridade. Acontecera quando era apenas um rapaz, ainda tinha muitos «para sempre» bem incrustados na mente. Quantas convicções injetadas à forma puderam depois esfarelar-se repentinamente e deixar quem as cultivara como quem, atravessando uma ponte precisamente antes de pôr o pé no passo seguinte, a visse ruir diante de si e, para cúmulo da sorte, permanece, embora atordado, precisamente na borda, enquanto quem dera aquele famoso passo antes dele se precipita no vazio juntamente com os detritos que caem com a mesma consistência de um *wafel*... Bem, não há nada mais tremendo do

que vemos desfazer-se de repente aquilo que vemos sempre inteiro, mostrando o que tem dentro. Do que é feito. Por melhor ou pior que seja, ao vê-lo sentimo-nos um pouco traídos.

Mas tudo isto ainda estava muito longe de acontecer. Naquele dia, quando Vasco regressou a Lisboa depois de uma longa ausência, ainda era o jovial arrogante de sempre, o sonhador, o varredor de frigoríficos de outrem, o terror dos pais dos seus poucos amigos, aquele que se serve e não agradece, aquele que recebe uma prenda e não se sente no dever de as dar. Aquele a quem tudo é devido por causa daquela infância mantida sob uma grande quantidade de lixo, ignorando que também esse lixo, com o tempo, poderia ser um grande e feio adubo.

Desceu do avião quando todos os «idiotas» já se tinham apressado a fazê-lo. Foi o último a cumprimentar a hospedeira e o *steward* que agradeciam os passageiros por terem estado a bordo da TAP. Desceu com o seu sobretudo cinzento comprado na OVS da rua Magnagrecia, no bairro San Giovanni, não distante do parque de Caffarella, onde tinha aquela bela casinha com Albertini e Barabba, casa que se debruçava precisamente sobre o parque e onde todas as tardes o sol, quando descia, lançava, sobre as suas paredes, baldadas de ouro filtrado. Desceu e vestiu aquele sobretudo de poucos euros, mas que nele fazia uma grande figura, antes de sair do aeroporto para se meter na fila dos táxis. Abotoou-o todo, depois entrou na porta de vidros giratória e passado um momento enfrentou o vento forte que vinha do Atlântico. Os seus cabelos ficaram húmidos e encaracolados. Usava-os sempre bastante compridos. Quando Albertini o conhecera, dissera-lhe que tinha um romântico penteado à Chateaubriand. E ele, lisonjeado, sorridente, respondera que efetivamente tinha pouca sorte com os barbeiros.

Entrou para o táxi, e como sempre foi invadido por uma ligeira gaguez. Era sempre assim quando tinha forçosamente de falar. Acontecia-lhe no táxi, num bar, no padeiro, no posto de gasolina. E então, para ganhar coragem, em vez de dizer diretamente o endereço do seu destino, para ter tempo de encontrar o impulso necessário e não mostrar aquela maldita gaguez que o obcecava desde a infância, fez, como habitualmente, um bom contorno e disse: — Bem, então... poderá ser a Rua Casal da Raposa, número 24. Obrigado. — Os olhos do taxista, no espelho retrovisor, fixaram-no como sempre sob uma testa enrugada. O que queria aquele jovem dizer com «Bem, então... poderá ser». Havia sempre um mínimo de dúvida se se tratava de uma brincadeira. Mesmo quando entrava num

bar e pedia um: «Bem, então, poderá ser um galão e uma bola de Berlim.» Só uma vez o homem de um posto de gasolina, um rapaz rapado a zero e cheio de tatuagens, ao seu «Bem, então, poderão ser quinze euros de diesel» respondera, torcendo o lábio superior: «E o que poderá ser mais?» e Vasco esbugalhara os olhos, depois engolira duas vezes de seguida sem responder, enquanto o jovem enfiava com ar prepotente a pistola do gásóleo na boca do reservatório, olhando-o fixamente do princípio ao fim. Como podia explicar que aquele «Bem, então, poderá ser» era a sua tá-bua de salvação? Os gagos são muito espertos, encontram escapatórias, e aquele «Bem, então, poderá ser» era a sua. Mas não sabia como poderia sair a frase sem aquele preâmbulo. Provavelmente teria balbuciado. E isso não, não podia suportar.

— Desde quando começaste a gaguejar? — perguntara-lhe um dia o pai no jardim de Belém.

Podia ter cerca de seis anos e estavam a jogar à bola. Vasco parara, deixara a bola às suas irmãs e deitara-se na relva sem dizer mais uma palavra. Quando o pai os levava de volta a casa, durante todo o breve percurso do regresso não se privara do prazer de sorrir-lhe pelo espelho retrovisor. E ele, embora fosse ainda apenas uma criança, não tivera dúvidas: era um sorriso trocista.

Regressado a casa, fora a primeira coisa que dissera à mãe, Maria do Céu.

— Hoje gaguejei e o papá troçou de mim.

— Pensa lá um pouco — disse-lhe ela, abraçando-o. — Na próxima vez sabes o que deves dizer-lhe?

— O quê?

— A mamã disse-me que quando te conheceu também tu gaguejavas um pouco.

— Verdade?

— Claro que é.

Então Vasco sacudiu a cabeça desconsolado. Se nem sequer um pai ex-gago tinha piedade, o que deveria esperar do mundo?

O taxista era um homem de certa idade, talvez tivesse passado os setenta. Fez a primeira parte do percurso com os olhos fixados na estrada e o pé colado ao acelerador. Vasco pensou que tinha um ar alucinado e perigoso. Certamente fizera a guerra em Angola à força nos anos setenta. Muitos tinham saído em baixo, ou, como dizia Albertini, «de psique seca», e tomavam psicofármacos desde que regressaram a Portugal.

A certo momento, numa reta, continuando a olhar fixamente em frente, o taxista disse:

— Sinto muitas vezes uma grande vontade de acelerar e ir contra o primeiro muro que me aparecer pela frente.

Vasco apertou com força o bordo do banco. Sentiu sob os dedos as depressões das múltiplas queimaduras de cigarro, pareceu-lhe mesmo sentir o cheiro. Desde que deixara de fumar tinha uma atitude de exagerada intolerância ao fumo. A sua mulher, Albertini, desde que ele desistira, era obrigada a fumar na varanda independentemente do tempo que estivesse. Nas raras vezes em que o fazia na casa de banho e depois abria a janela para fazer sair o cheiro, ele, quando entrava, repetia sempre a mesma frase: «Câmara de gás.» Albertini sentia-se mal, ela já fazia o possível para lhe criar menos mal-estar. Perante esta sua frase enrugava a testa, depois ia procurar Barabba, que estava enroscado em qualquer lado, inclinava-se sobre ele e dizia-lhe: «O verbo continua a ser o mesmo: moderar.» Mas Vasco enternecia-a. Era belo e delicado, e frágil. Sempre tivera a impressão de que no seu rosto não existiam os ossos como em todos os outros, que a sua pele era sustida pelo frágil vidro. A ligeira irregularidade do seu rosto, capaz de acrescentar apenas beleza, mas mesmo assim irregularidade. Nele como na sua irmã gémea Joana. Uma irregularidade que os ligava de um modo tragicamente cómico às malformações do coração de Rita. Tão dissemelhantes, mas ligados. Sim, mas de um lado havia a monstruosa doença e do outro a beleza. No entanto Rita, com aquelas operações ao coração doente que todos os anos, durante tantos anos, a sua mãe Maria do Céu lhe mandara fazer para dar um ritmo regular àquela batida sempre em perigo, não obstante a infância e a adolescência lhe tivessem sido agitadas por uma diversidade furiosa que a prazo a tornara furibunda, agora, era precisamente ela a mais pacificada dos três irmãos. A mãe, antes de morrer, estava a tentar convencê-la a fazer a última operação, aquela que ela chamava «a definitiva». Mas Rita não quis saber disso e não mudara mais de opinião: «Agora já me habituei a este coração. Bem, agora, mesmo que pudessem ser mudanças para melhor, já não quero saber de mais nada. Bonita nunca fui, nenhum homem virá procurar-me. Fico com este último coração.» Ninguém a compreendia profundamente porque naquela estranha família ninguém era capaz de pôr a hipótese de um ponto de vista diferente do seu. Eram muitas ilhas. Muitos vasos *incomunicantes* que raciocinavam cada um com a sua terra e a água que os banhava. Para Joana, Rita era uma maluca, ou melhor, como

ela preferia dizer: uma maluquinha. E depois de dizê-lo sorria sempre de um modo um tanto sarcástico. Albertini recordava a expressão diante do restaurante Stop, no bairro de Campo de Ourique. Tinham acabado de comer, pago a conta e estavam na rua para as despedidas. Uma noite de clima doce transformada em tempestade por Rita, que durante todo o jantar não ouvira nem uma palavra da irmã dirigida a si. Era sempre assim, mas ela sofria muito. Obviamente, também Nuno, o marido de Joana, nunca lhe dirigira a palavra. E Vasco, sem sequer se dar conta disso, só falava com Joana lançando-lhe muitos sorrisos de entendimento, meias frases destinadas a serem compreendidas apenas pelos dois. Bem, mal saiu, Rita, sem cumprimentar ninguém, corria rua fora com aquelas suas perninhas saltitantes para o primeiro autocarro que passava. Com as costas apoiadas num carro, depois de um sorriso cúmplice endereçado a Vasco, que apertara os lábios, olhando-a com admiração, Joana voltara-se para Albertini e dissera-lhe: «É uma maluquinha.» Albertini afastara-se alguns passos, acendera um cigarro e dirigira os seus pensamentos a Barabba, que tinham deixado em casa. Mentalmente, fez todo o percurso de regresso. Depois, sempre mentalmente, subiu o único lanço de escadas, fez-lhe umas festas, agarrou na trela e levou-o para fora, deixando-se arrastar por aquele animal na descida da Calçada dos Barbadinhos. Sempre mentalmente. Habitualmente não puxava muito, mas desde que se tornara velho era a bexiga que o fazia correr, para não falar daquela inexplicável excentricidade de ter de encontrar o pau, a árvore ou o canto adequados para se libertar. Depois da frase chicote de Joana, Albertini consolou-se com aquela consolidada cronologia. Deu um ritmo ao seu futuro próximo, convencida de que só daquele modo poderia libertar-se de todo o peso da crueldade.

Aquele período que passara com Vasco em Lisboa não fora fácil. Vasco não tinha amigos, pelo que não lhe apresentara nenhum. Ou melhor, tinha dois, mas já devia ter acontecido alguma coisa, porque lhos apresentara como aquela famosa conspiração de idiotas pela qual se sentia rodeado. E, pensando bem, mais ou menos com a mesma expressão que Joana fizera quando dissera maluquinha. Se tivesse de unir aquela família sob uma única expressão, excluindo Rita, teria usado a palavra «escárnio». Vasco percebia-a porque também sofria com isso, mas Albertini pensava que de qualquer modo tinha o mesmo sangue.

— O que sucederá se alguma vez aquele sangue tivesse de prevalecer?  
— Dessa vez, antes de vê-lo partir, fizera-lhe a pergunta, e Vasco, saindo do

carro no aeroporto de Fiumicino, apertando-a contra si com as mãos que lhe suavam sempre nas despedidas, respondera-lhe:

— Mas o que dizes? Achas que posso tornar-me um pedaço de gelo, como o Dinossauro?

Albertini sorriu. Não, não como o seu pai, pensou, mas como todos, do primeiro ao último, mesmo todos aqueles que não tinha conhecido. Tinha mesmo criado uma grande ilusão sobre Portugal. Pensava que era um país quente, acolhedor, amigável. Não demorara muito a dar-se conta de que, na realidade, tinha um espírito britânico, precisamente como Vasco lhe dissera de imediato. Se nos restaurantes não entrava um estrangeiro, todos pareciam sedados nas mesas. Uma vez assistira a uma cena terrível, mas de entre todos os presentes fora a única a levar as mãos à cara. Numa das muitas refeições de família, numa mesa muito próxima da sua tinham colocado uma cadeira para crianças, aquelas que têm os dois braços abertos para encaixarem no tampo da mesa. Sentaram nela uma criança um pouco irrequieta. Não que chorasse, a sua voz mal se ouvia, mas dava grandes golpes de rins, lançando depois a cabeça para trás. Albertini teve a intenção de se levantar.

— Mas onde vais? — perguntou-lhe Vasco.

— Vou dizer aos pais daquela menina para estarem atentos. Se continua assim, a cadeira cai.

— Ouve, aqui isso não é habitual — respondeu Vasco. — Aqui cada um trata da sua vida. Levariam a mal.

E ela voltou a sentar-se. Mas nem sequer cinco minutos depois, o último golpe de rins fez cair a cadeira e a menina acabou com as costas no chão, desatando a chorar. Na mesa onde estava sentada e nas mesas de todo o restaurante, todos deram uma risadinha abafada. A mamã da menina levantou-se, levantou-a, dizendo-lhe que não era nada, ainda que ela continuasse a gritar como uma águia. A mamã estava aflita e quem a afligia era a sua menina que não parava de chorar.

Albertini ficara com as mãos sobre os olhos.

— Para, Luciana — disse-lhe Vasco. — Não chames a atenção de todos.

— Mas tu viste o que aconteceu?

— Certamente.

— E a reação?

— Aqui age-se assim, exorcisa-se. E, sobretudo, ninguém quer dar a atender aos outros que está preocupado.

— Porquê?

— Porque é uma fraqueza.

Da sua mesa, o primeiro a rir à socapa foi Tiago, seguido de imediato por Joana, Nuno e Vasco. Rita não, ela só sacudiu a cabeça.

— Agora, por favor, tira as mãos da cara — disse-lhe Vasco bruscamente.

NÃO OBSTANTE A AMEAÇA, O TAXISTA LEVOU VASCO AO SEU destino. Mas não saiu para lhe retirar a mala do porta-bagagens, limitando-se a abrir-lho automaticamente dentro do táxi. Quando viu que Vasco voltara a fechá-lo, arrancou com um andamento sustentado. Desaparecido após a primeira curva, ainda se ouviu a chiadeira das rodas no asfalto.

E Vasco ergueu o olhar. Parecia que o erguia ao céu, na realidade dirigia-se ao sétimo andar do grande prédio onde vivera durante muitos anos com a mãe e as irmãs. Por trás da janela da cozinha pareceu-lhe ver a sombra de um corpo franzino. Mas a luz não estava acesa, não podia ter a certeza. Tocou e o portão abriu-se. Então era ela, pensou. Há quanto tempo estará à minha espera?

Teve um momento de indecisão. Mas sete andares a pé era demasiado, ainda que aquele elevador sempre lhe tivesse causado medo. Metálico, hermético. Sete andares com a respiração suspensa, estômago e coração a baterem em simultâneo.

Encontrou-a à porta de casa, com os seus dois gatos negros nos braços.

— Vieste de elevador — disse-lhe.

— Evidentemente — respondeu ele irritado.

Uma vez em casa beijaram-se nas faces. Não eram beijos, os lábios nem se ouviam, era um brinde entre as maçãs do rosto. A única coisa que Vasco conhecia da sua família.

— Então, como correu a viagem?

— Tudo bem.

— Comeste alguma coisa?

— Bebi um copo de vinho branco. Aquele que trazem para a refeição não me agrada.

— Podes servir-te de pão e manteiga com presunto.

— Não tens queijo?

— Tornaste-te vegetariano?

— Não gosto de enchidos, de carne de porco. De resto, tu também não comes bacalhau.

— O bacalhau está em extinção. Os porcos são criados.

— Pois. Mas eu não vou participar na chacina das criações em massa. Não quero comer a carne de quem vive e morre infeliz.

— Todos morrem infelizes. De qualquer modo, além de pão e manteiga há ovos. Ainda os comes?

Era mesmo assim. Era brusca porque a brutalidade da sua vida fizera-a assim. E de sentimentos sabia pouco: só um calor minúsculo à volta do coração. Nem uma palavra.

Sentou-se diante dele para lhe fazer companhia enquanto comia. Só se levantou para abrir uma garrafa de Borba tinto. Serviu-o em dois copos, que ambos ergueram antes de beber, mas sem dizer nada.

— Bela ideia a de passar o Natal longe da tua mulher — disse-lhe enquanto lavava meticulosamente o único prato que Vasco tinha sujado.

— Que afirmação, Rita. Tirando tu, mais ninguém quer vê-la.

— Então podias vir depois de passar o Natal com ela.

— Sabes como é o nosso pai. Deixámo-nos tão mal. Também com Joana.

— Não irão estar melhor. Devia passar mais tempo.

— Já passou um ano e meio. Se deixasse passar mais tempo... Com Joana não nos escrevemos uma única vez. Nada, nem uma mensagem. Só pelo nosso aniversário.

— E com o papá?

— Escrevi-lhe que regressaria a Lisboa pelo Natal. Poupo-te a pergunta. A sua resposta foi: «Bem.»

— Pois é, não esperes um grande acolhimento. Aquela exposição da tua mulher...

— É pintora. Pinta. Se alguma coisa a inspira, não consegue deixar de o fazer.

— Compreendo-a. Mas eles não. Viram aqueles quadros que... É difícil ver-se retratado por alguém, é como ser olhado por olhos que não são os teus. A mim a exposição agradou-me porque de pintura não percebo nada e aqueles quadros fizeram-me rir. Eram divertidos.

— Não havia razão para se ofenderem assim tanto.

— Imagina! O nosso pai, e a sua mulher, e a nossa irmã Joana e o seu marido Nuno, ainda estão todos furibundos. Não me espantaria se no Natal tu fosses o único sem prenda. Eu vou dar-ta, não é? Mas poderá ser a única.

— Sabes o que as suas prendas me importam. Vim cá para abrir uma brecha.

— Nos seus corações? Bem podes esquecer.

Vasco fez um breve sorriso. Foi uma cintilação sob a lâmpada nua que pendia do teto. Depois o seu olhar ultrapassou Rita e fixou-se na janela fechada, em todas aquelas luzes longínquas da noite. Foi percorrido por um arrepio. Refletido no escuro do vidro, pareceu-lhe ver o rosto da sua mãe. Os gatos miaram debaixo da mesa. Vasco sentiu que um deles apoiara-lhe uma pata numa barriga-da-perna e começava involuntariamente a pôr as unhas de fora.

— Estes estão muito gordos. Quantas vezes por dia lhes dá de comer?

— Não estão gordos, são robustos. E comem sempre que têm fome. A sua tigela está sempre cheia.

— Lembras-te de como Zaca era bonito? A mamã não lhe dava assim tanta comida. Tinha os olhos de Liz Taylor...

— Que depois se tornou uma mulher muito gorda — respondeu Rita a rir.

— Zaca não. Morreu magríssimo.

— Forçosamente. Deixou-se morrer de fome.

## 2



Vasco acordou quando entraram pela janela os primeiros raios de luz. Esquecera-se de fechar o estore e face àquele clarão abriu os olhos sem perceber bem onde se encontrava. Aquele quarto fora o seu durante cerca de vinte e oito anos. Rita não fizera grandes mudanças. Só tinha retirado as suas coisas, os cartazes pendurados na parede. Mas a cama continuava na mesma posição, as estantes sem os livros, a mesa onde estudava semelhante à dos arquitetos, com um banco com espaldar. Deveria ter aberto os olhos e pensar: estou em casa. Mas estava desorientado. Pareceu-lhe ter descido por acaso à paragem errada do metro e de só se ter dado conta disso ao chegar à superfície. Então procurou concentrar-se e sentiu-se melhor fechando os olhos. Foi dessa maneira que conseguiu voltar a percorrer os espaços abandonados há alguns anos. Vasco habituava-se com facilidade aos ambientes novos, e metia os velhos numa das suas muitas gavetas da memória. Mas tinha o hábito de não meter um número ou uma carta de reconhecimento nas gavetas, por isso, quando ia procurar algo do passado, tinha de abrir todas. Mas a indolência impedia-o, e então preferia esperar, talvez sem sequer obter resultados. Esperar era o seu ponto forte juntamente com o silêncio. Foi uma das primeiras coisas que disse a Albertini quando se conheceram e se viram obrigados a falar em francês porque ainda não sabiam a língua um do outro:

— *Je souffre en silence.*

A ela pareceu-lhe uma atitude romântica, sorri-la e passou a mão numa das faces, uma mão áspera que cheirava sempre a verniz e a aguarrás. Ninguém, nos primeiros tempos de uma história, conhece o outro. Mas tudo parece extraordinário, mesmo aquilo que um dia poderia ser completamente invertido e visto com outros olhos. Os primeiros tempos aquecem aquilo que um dia se poderia esfriar, consolam daquilo que poderia assustar. O jogo dos primeiros tempos tem uma duração imprevisível, entre Albertini e Vasco parecia ter de ser renovado todos os dias. Era um amor nascido de modo quieto. Albertini resignara-se rapidamente à falta de paixão de Vasco. Tinha pensado que os sentimentos não eram tudo, e que ela, no decurso da sua vida um pouco mais longa do que a do marido, tinha conhecido muitos sentimentos. Veio-lhe à mente uma frase: «Hectares de sentimentos.» E pensou que deveria fazer um quadro com este título mais cedo ou mais tarde.

Tinha conhecido Vasco, que fazia xixi sentado na sanita.

— Porque fazes isso? — perguntara-lhe, abrindo e fechando rapidamente a porta da casa de banho.

— Fui habituado assim pela minha mãe e pelas minhas irmãs — respondeu-lhe ele saindo da casa de banho um pouco embaraçado. — Diziam que de outro modo sujava.

— Deviam ter-te dito para limpares de cada vez. Não para fazeres xixi como elas.

Naquelas ocasiões, Vasco ficava com o maxilar rígido. Era invadido por um tremor quase invisível. Era a sua maneira de dominar os tiques nervosos que o assediaram no início da adolescência. Depois derrotara-os do modo seguinte: com a força de vontade, o orgulho, o receio de ser escarnecido. Se os mantivesse dentro de si, implodia. Mas nesses momentos Albertini receava que a sua cabeça rebentasse. Era uma cena que via frequentemente com um calafrio, mas também com uma certa vontade de pintá-la: *Retalhos de medo*. Intitularia assim o quadro. Alguns retalhos já caídos por terra, outros ainda no ar. No ar, possivelmente, um pedaço de face com um olho aterrorizado que olha para cima, para o fim. O último sentido de cognição todo naquele olho. Mas depois sacudia a cabeça.

— O que é? — perguntou-lhe agarrando-lhe uma mão.

— Tive uma família estranha. Em muitas coisas... Digamos que me arruinaram.

Foi então que Vasco reconheceu o seu quarto, quando o sol inundou o teto naquela estranha maneira que notara desde criança: «Inunda-o mas

permanece agarrado.» E a sua mãe sorria-lhe com aquele arco dos dentes tão pequeno, os incisivos ligeiramente salientes devido ao pouco espaço que encontraram para se alinharem adequadamente, os olhos azuis sempre luminosos ainda que movidos por muitas tormentas.

— É o modo que a luz tem de inundar. Fica agarrada. Não é líquida. Faz o que quer.

— E se quisesse poderia também fluir?

— Se quisesse. Só se quisesse.

Era o seu quarto e não era seu inimigo, não andava a pressionar como pensara imediatamente após a morte da mamã, quando as suas relações com Rita eram apressadas ao ponto de, mal ter conhecido Albertini, ter procurado uma instalação por sua conta. Tanta fúria em estarem juntos e depois quase o melão na separação. Se é que podia utilizar melão no seio da sua família...

Regressara para as férias de Natal, de 22 a 31 de dezembro. Não tinha querido exagerar com a permanência. Sabia que o encontro não seria fácil. A sua irmã Joana considerava-o o responsável daquela exposição intitulada, por coincidência, *Família portuguesa*. Segundo ela, cada quadro da Albertini fora projetado juntamente com Vasco. Fora ele que lhe dera o impulso, ele que lhe dissera os lados piores de cada um. De resto, os retratos sem sombras eram apenas os de Maria do Céu, de Rita e de Vasco. Nunca gostara daquela Albertini. Falava por enigmas, fazia sempre referências à cultura grega para causar embaraço aos «ouvintes», como ela dizia. Vasco nunca conseguira convencer ninguém que aquelas atitudes eram inocentes.

— É uma artista pura, é arrastada pela inspiração. Pinta aquilo que vê — dissera-lhe.

— Ou aquilo que sente — respondera Joana. — Como é, Vasco, será que tinhas em mente uma terapia familiar? Será que tinhas essa ilusão? Marta já nos odeia. Só nos faltava esta tua mulher italiana. Sabes como consegue influenciar o nosso pai.

— Estás preocupada com a herança?

— Com a minha certamente que não. Se alguém deve preocupar-se és tu.

— Quem espera os sapatos do morto fica descalço.

— Com todo o dinheiro que sempre aceitaste do nosso pai. Crês que não se sabe, mas sabes bem como ele é, não? Gosta de revelar o dinheiro que dá. Ajudou-te a criar a galeria em Lisboa, a arrendar a tua primeira casa

na Calçada dos Barbadinhos. Para não falar de cada vez que não conseguias chegar ao fim do mês.

— A mim disse-me que também te ajuda.

— Coisas concretas. A escola das crianças. As lições de equitação...

— Indispensáveis, claro.

Na última vez cumprimentaram-se assim, com aquela pulga na orelha sobre a herança. Mas Vasco não quisera dar-lhe ouvidos. Nenhum dos três irmãos sabia quanto dinheiro possuía realmente aquele pai. Era obscuro e gostava de sê-lo. Dava a entender que ficara muito rico, riquíssimo, mas nunca até que ponto. Só tinha dito uma coisa um dia, durante uma das habituais refeições de domingo: iria deixar dinheiro aos seus filhos, mas a fatia maior iria para Marta, porque ela estivera ao seu lado toda a vida e devia protegê-la. Mas que não pensassem que não tinha pensado neles. Marta tinha assinado um documento no notário em que dizia que por sua morte tudo iria para eles. Vasco recordava perfeitamente a expressão que a sua irmã Joana fizera. Ao saírem do restaurante, ainda à porta, quando Tiago acabara de se despedir para ir para o carro, concentrado no regresso à sua vivenda do Estoril, Joana dissera:

— E Marta tem menos dez anos do que ele. Com que idade teremos a fatia maior? Não esqueçamos que a mãe da bruxa tem quase noventa anos. E se ela vivesse o mesmo? Corremos o risco de ver aquilo que nos cabe aos setenta anos.

Uma imagem que ficara impressa nas retinas. Um dia ventoso, com uma chuva fina que descia animada. Os cabelos de Joana acompanhavam as suas repentinas reviravoltas sob o guarda-chuva. Tinham os três um guarda-chuva aberto. Mas Joana tinha dois, porque estavam também o seu marido Nuno e a sua primeira filha. O filho ainda não tinha nascido. Foi naquele dia que Vasco, pela primeira vez, lhe disse que quem espera os sapatos do morto corre o risco de ficar descalço. Mas, efetivamente, não tinha feito caso daquela história da herança em episódios. Certamente, Tiago dissera-o quando também ele estava presente. Geralmente, fazia estas comunicações diante dos seus três filhos. Mas, provavelmente, ele esquecera-se, ou talvez estivesse distraído. O pai devia ter falado durante toda a refeição dos seus sucessos, dos muitos hotéis de cinco estrelas de luxo máximo, das próximas viagens de trabalho às quais teria «atado», dizia sempre assim, alguns dias de férias com Marta. Tanta riqueza, e depois «atava» as férias a uma viagem de trabalho para poupar o dinheiro dos bilhetes de avião. Ficara-lhe a mentalidade do pobre. E Vasco desprezava-a com todo o seu

ser. Emergir, segundo ele, queria dizer evoluir, apagar a marca da pobreza entregando-se ao esbanjamento, à boa vida. Não gostava de fazer cálculos, mas efetivamente entrar na posse da herança aos setenta anos não era uma boa perspectiva.

— Vasco não tem vigor — dissera um dia Tiago a Joana. E Joana comunicou-lho. Depois, vendo que Vasco ficara mal, apressara-se a acrescentar uma mentira:

— Mas eu disse-lhe que não é verdade. Sempre foste perseverante com a galeria, ainda que... — E nesse momento parara. Vasco fingira que não percebera, mas concluíra a frase com um pensamento: «... ainda que nunca tenhas retirado daí um cêntimo.»

Levantou-se da cama e foi à casa de banho para tomar um duche. Quando abriu a porta do seu quarto, sentiu o cheiro do café acabado de fazer e a voz de Rita que lhe dava o bom dia. Já estava pronta para ir trabalhar no último dia antes das férias. Iria passar o dia seguinte em casa de Joana, mas a refeição de Natal em casa do pai. Cumprimentou-o à porta dizendo que tinha pressa, ver-se-iam de novo ao fim da tarde. Tinha-lhe deixado tudo preparado na mesa da cozinha. Os dois gatos obesos caminhavam em cima da mesa, fazendo o *slalom* entre a chávena, a cafeteira do café, a leiteira e o prato com as fatias de pão torradas que se limitavam a farejar. Era belo o mundo dos gatos. Vasco preferia-os aos cães. Mais discretos e autónomos. Menos comunicativos e festivos. Voltou a pensar em Barabba, na necessidade canina de um amor feito de evidência, na vontade constante de intercâmbio e de confirmações sentimentais. E no cheiro. Os gatos não o tinham. Também isso, para ele, era um sinal de superioridade. Sentimentos implícitos, a intuir. Em suma, a nordicidade dos gatos e a mediterraneidade dos cães. Além disso, nascera sob o signo de Leão, como podia não preferir os felinos? Sentou-se à mesa fazendo algumas carícias às duas bolas de gordura. Suspirou pensando que ninguém sabia como alimentar os gatos. Castravam-nos, enchiam as suas tigelas até à borda e aqueles pobres animais tornavam-se uns odres com cabeça minúscula. Zaca tinha permanecido elegante toda a vida. Um gato esquisito que só comia depois de ter refletido longamente. Fazia diversas visitas à tigela antes de resignar-se a alimentar-se. Zaca... Uma época perdida para sempre. O quarto da sua mãe, a sua cama de ferro forjado com um ramo de flores rosa pintado. O velhíssimo colchão cheio de corcundas que entorpeciam as costas. Nunca houve dinheiro para substituí-lo. Mesmo quando já estava doente, com o lenço na cabeça para esconder a fuga dos seus belos cabelos, fora aquele

colchão que lhe coubera para o seu corpo tão frágil. De manhã levantava-se e dizia com ironia:

— Sinto-me um passador.

Vasco abriu totalmente a janela da cozinha, apoiou os cotovelos e olhou para fora com um dos dois gatos que lhe saltara para as costas. Uma periferia longínqua e sem nenhuma beleza, zonas perigosas das quais vinham muitas vezes bandos que entravam nos apartamentos para roubar. Não era difícil, mesmo de dia, ver alguém com uma pistola enfiada nas calças. No entanto, aquela mesma desolação de noite fazia um efeito completamente diferente. As luzes distantes que desciam do alto para baixo, como num terreno em terraços, faziam recordar Funchal à sua mãe. A única bonita viagem que fizera com Tiago, quando ainda parecia que ele a amava. Deixara-o escapar uma noite com os filhos e, assim, também para eles aquele panorama de noite se transformava na bela cidade da ilha da Madeira.

Depois tomou o pequeno-almoço distraidamente. Considerava que Rita fazia compras sempre na poupança e que era tudo de péssima qualidade. Assim, embora tivesse fome, comeu pouquíssimo. Iluminado pela luz do sol, deixando que nos seus lábios se desenhasse um impercetível sorriso, pensou que era como Zaca.

Depois regressou ao quarto e tirou uma camisa branca e uns *jeans* da mala. Coisas baratas, mas que nele tinham o mérito de parecer de luxo. Era uma questão de porte, de estrutura. Uma vez, uma amiga dissera em voz alta a Albertini:

— O teu marido parece um *toreador*.

E era um pouco verdade, mas ainda cedo para saber como andavam as coisas. O olhar distante de Vasco, na época, só tinha o fascínio de quem estava habituado a fixar o Atlântico.

Era sábado de manhã, vestiu o sobretudo, apanhou primeiro um autocarro e depois o metro. Desceu no Chiado e reencontrou a sua cidade. Lembrou-se então do avô, Belmiro Miraflor, que pouco antes de entrar na Cruz Vermelha, no carro com Vasco, passando ao lado de um dos muitos miradouros da cidade, dissera:

— Como é bela, Lisboa! — com o tom de voz de quem estava a abandoná-la para sempre.

Respirou fundo. Sentira a falta da sua cidade. Embora considerasse Portugal «o País onde Judas perdera as botas», continuava a ser o seu país. Sempre pensara que tinha um espírito nómada, podia entusiasmar-se

também por um lugar que nunca vira e declarar que iria viver lá no dia seguinte. Mas isso não acontecia. A ideia de que embarcar um dia, mesmo como simples grumete, num navio que iria fazer a volta ao mundo para estar longe durante anos era uma grande invenção da sua fantasia: uma representação. E naquela manhã sentiu a comoção de ter regressado. Como sempre tinha pouco dinheiro, mas dirigiu-se ao pequeno mercado de livros usados só aberto ao sábado. Quase todos os proprietários das bancas o conheciam e todos o reconheceram. Grandes apertos de mão, perguntas sobre o que fizera, mas discretas, nunca demasiado diretas. Foi ele que disse que vivia em Itália, em Roma, e que se casara com uma pintora.

— Ah — disse um deles, um homem robusto, pelos setenta, que tinha participado na Revolução dos Cravos e um dia ficara economicamente arruinado ao lançar num barranco as chaves do seu carro cheio de livros. Assim, sem uma razão. Para depois seguir o caminho a pé. — A italiana a quem mandaste fazer uma exposição?

— Precisamente ela.

— Recordo-me dela. Vinham aqui muitas vezes. Durante um tempo viveram em Lisboa, não foi?

— Sim, por algum tempo.

— Uma pequenina, com um ar...

— Sim, muito especial — apressou-se a acrescentar Vasco.

Com o pouco que tinha na carteira fez algumas compras e depois desceu a Rua do Carmo com o seu saco de plástico azul debaixo do braço, encaminhando-se até ao Rossio para tomar um café. Lisboa era pequena, cada vez que alguém em Itália lhe perguntava em quantos dias se podia visitar, Vasco respondia que bastavam três. E depois abria e fechava a mão direita. Como que a dizer que cabia nela.

Ainda não tinha telefonado a Joana e ao pai para dizer que chegara. Nem sequer tinha enviado uma mensagem. Mas sabiam muito bem, certamente já tinham ligado a Rita para obter a confirmação. O seu pai tinha ligado, Joana não. Ela falava com Rita o menos possível. Certamente, ligara-lhe depois o pai. Parecia-lhe que ouvia a sua conversa.

— Então, chegou.

— E amanhã à noite virá a minha casa. Eu quase não irei dirigir-lhe palavra. Não tenho nenhuma vontade. Deveria ter impedido a mulher de fazer aquela exposição.

— Nunca deveria ter-lhe dado autorização.

— Na minha opinião, deve mesmo ter-lhe dado algumas ideias.

— Achas que aqueles quadros representam também o seu ponto de vista?

— Sobretudo o dele, papá. O que crês que ela pudesse saber sobre nós? Eu digo que foram quadros a pedido. Ela baseou-se nos seus relatos. Vasco vingou-se.

— Vingou-se? De quê?

— Não to sei dizer. A vida foi o que foi, mas tu foste sempre um papá tão bom.

Vasco acabou a conversa nesse momento e com uma boa acidez de estômago. Pobre Joana, sempre à procura de um amor impossível. Como pode um pedaço de gelo mudar? Mas para ela qualquer meio era bom, até a adulação, até a mentira. E pensar que dos três filhos fora a mais descurada. Rita era «a pobrezinha» e Vasco o macho. Aos olhos de Tiago, Joana era apenas uma bela filhota. E de um modo um tanto vulgar, quando depois das refeições de família se despediam na rua, ainda diante do restaurante, dava-lhe sempre uma pequena palmada no traseiro.

No café Nicola, Vasco pediu um café e um pastel de nata. Os sabores que regressavam, aqueles que tinha conservado intactos na memória. Tinha-os reproduzido só com o pensamento e agora o impacto era conforante. Gostaria de voltar a provar tudo antes de partir. Teria tempo para isso? Que pensamento disparatado. Sobretudo trabalhoso. Não era na cozinha portuguesa que iria voltar a juntar a sua família. Limpando a boca com um guardanapo de papel, pensou que a sua família nem sequer devia voltar a ficar junta. Eles, desde sempre, não eram mais do que vasos *incomunicantes*. O que Vasco se perguntou foi se podia sentir a falta de uma família assim. Deixar marcas era evidente. E tinham sido tão infaustas e indelévels que quisera esquecê-las por toda a sua vida. Recordou-se na noite na Zambujeira, juntamente com Albertini e Barabba, poucos dias antes de abandonar Portugal para ir viver em Roma. Zambujeira, aquela povoação alentejana junto ao mar onde passara quase todas as férias de verão com a mãe e as irmãs. Aquela praia exposta ao sol, onde era necessário caminhar por escadas íngremes e perigosas que os três desciam velozmente, até Rita, que se tivesse caído depois de uma das suas operações poderia comprometer gravemente o trabalho feito e o futuro.

— Um coração quase de vidro — ouvira muitas vezes a mãe dizer à avó Custódia. — Dá-se conta, madraستا? Esta minha filha tem um coração tão remendado e frágil que corre o risco de partir-se a qualquer instante.

Mas não tinha a coragem nem a força para andar sempre atrás dela.

De manhã, depois de ter preparado o pequeno-almoço para todos, abria a porta de casa, os filhos desciam os três degraus altos e depois corriam rumo ao mar. Só ia ter com eles depois do almoço. O que fazia Maria do Céu durante todas essas horas? Geralmente voltava para a cama com um livro, uma revista. Muitas almofadas nas costas, a pequena janela do seu quarto aberta. O cheiro a quente e a mar que entrava sem deslocações de ar, nem mesmo se deixasse a porta de casa aberta para fazer um pouco de corrente. Por vezes, de manhã tudo ficava imóvel rapidamente. O vento levantava-se sempre mais tarde. A certa altura começava a correr sobre as ondas atlânticas com pernas robustas, coxas musculosas, de apóstolo. E então tudo era arrastado, a luz flutuante do sol nos muros das casas e no asfalto das ruas era varrida para dar a cada coisa a granulosidade da areia que o vento espalhava por toda a parte.

Vasco voltou a ver tudo diante dos seus olhos. A noite húmida, a velha casa de férias fechada, Albertini a olhá-la com os olhos de quem tudo poderá retratar, Barabba a trotar pelas pequenas ruas desertas. E ele com aquele propósito que aos outros poderia parecer insensato. Tinha no bolso o caderno que preencheria com as recordações esquecidas. Aquelas que conseguira fazer aflorar com a pura força de vontade. Entreabriu os olhos na luz ofuscante do Rossio e pareceu-lhe ver a sua mãe sentada no banco do pequeno jardim do Príncipe Real. Tinha sonhado ou fora uma aparição? E precisamente a ele pediu que lhe desse a memória da vida, porque ali onde estava era indispensável e ela esquecera tudo. Precisamente a ele, que engolira a pílula do esquecimento, que dividia os anos numa, no máximo duas recordações. Uma vez Albertini perguntara-lhe:

— Ano 1986?

E ele conseguira cantarolar-lhe apenas a sigla dos Mundiais de futebol no México. De 1986 aquela era a única recordação. Mas afinal conseguira escrever alguma coisa naquele caderno e, nessa noite, antes de deixar Portugal, decidira que a sua mãe só ali podia deixá-lo. E então, juntamente com Albertini e Barabba, descera as escadas íngremes que conduziam à praia e naquela noite húmida e fria escavara um buraco na areia com as mãos, quase raivosamente, tão raivosamente que Barabba também fora contagiado e começara a escavar ao seu lado. E, quando o buraco lhe pareceu suficientemente fundo, metera dentro dele o caderno e depois cobrira tudo. O mar arrastaria aquele caderno e levá-lo-ia a Maria do Céu, que precisaria dele na vida depois da vida pelas razões que não conseguira explicar-lhe bem. Ou que ele não conseguira compreender.

Naquele momento, depois do café e do pastel de nata, teria fumado de boa vontade. Mas tinha parado há tempo. De um dia para o outro tinha amachucado um maço ainda cheio, desfazendo o tabaco, e depois lançara-o num caixote do lixo, acertando em cheio. Cada vez que atirava alguma coisa, dizia para si mesmo que se acertasse o seu desejo realizar-se-ia, mas na maioria das vezes esquecia-se de exprimir o desejo. Provavelmente, acontecera o mesmo dessa vez, mas é possível que tivesse afivelado o desejo imediatamente a seguir ao lançamento conseguido: «Se acertar nunca mais fumarei.»

Ao caminhar pela Rua Augusta sentiu-se filho daquela cidade, mas também ligeiramente estrangeiro. O seu italiano ainda não era perfeito, mas em pouco tempo Vasco conseguira absorver o acento de Roma. Saíam-lhe bem sobretudo as expressões do rosto e Albertini ria-se. Ela tinha um acento diferente. Meia perugina, meia romana, o seu italiano pouco se enquadrava numa região. Podia utilizar os dois acentos sem errar, mas quando estava agitada o perugino prevalecia sempre. Albertini, pensou Vasco. Pois, um bonito sarilho. Estrangeiro na pátria e com quase toda a família contra. Pelo menos a parte mais determinante. Joana era a sua irmã gémea e os gémeos não podem afastar-se daquela maneira. Há mais de ano e meio que não se falavam. Só tinham enviado uma mensagem pelo seu trigésimo quinto aniversário. Para dizer a verdade fora Joana que tomara a iniciativa: *Podemos não nos falarmos, mas esta é uma idade importante, não achas? A mamã dizia-o sempre: «Os lustros! Os lustros contam!» Muitos parabéns.* E ele respondera-lhe, recordava-o como se fosse agora. Estava deitado numa espreguiçadeira da estância L'Isola di Maccarese. Tinha dado umas braçadas e saíra da água com aquele seu passo elegante mas incerto, passara a toalha pelo corpo e pelos cabelos e Albertini dissera-lhe:

— És daqueles que se enxugam, eu daqueles que se deitam molhados na espreguiçadeira. Eu digo que dá mais prazer fazer como eu.

Acabara de estender-se quando ouviu o som do telefone. Poderia ter respondido de uma maneira mais quente, mas tinha sido apanhado de improviso e ele era do tipo que devia pensar longamente sobre as coisas. Se tivesse consultado Albertini, ela ter-lhe-ia certamente dito que Joana dera um sinal. Mas depois de ter lido a mensagem respondeu com um simples: *Tens razão, muitos parabéns para ti também.* E arrependeu-se agora, a caminhar pela Rua Augusta, a ver as lojas que se dividiam entre as novas, iguais em qualquer parte do mundo, e as velhas, que o confortam.

Depois de tanto silêncio, amanhã à noite passará a véspera de Natal em casa de Joana com o seu marido e os seus dois filhos. Nem sequer ela o convidara, fora Rita quem lhe dissera. E o mesmo fizera Tiago. «Um convidado indireto», disse para consigo naquele dia frio e pleno de luz. Afloraram-lhe duas lágrimas. Esfregou os olhos com as mãos e pensou que era apenas um pouco de emoção. Nenhuma reflexão. A sua família, voluntariamente ou não, fizera-lhe muito mal. Era pena que não pudesse passar sem o pai. Para alguém convencido como ele de que é muito orgulhoso era uma grande pena. Gostava de pensar que não devia nada ao seu pai, mas não era assim. Para abrir a galeria de arte que tivera em Lisboa, fora o Dinossauro que lhe dera o dinheiro, como agora o chamava Albertini. Mas a galeria não lhe dava dinheiro para viver, por isso tivera de inclinar muitas outras vezes a cabeça diante daquele homem que ao dar tinha sempre a sua vantagem: podia sempre demonstrar ao filho que valia pouco, que tinha errado ao despedir-se do lugar que lhe tinha arranjado na Galp. E, sobretudo, que ao brincar aos artistóides tinha um futuro de fome assegurado. Queria algo bem diferente para o único filho, algo que o tornasse mais semelhante a ele. Mas ao mesmo tempo... Sim, ao mesmo tempo aquele revés dava-lhe uma certa satisfação. Vasco era jovem e belo como também ele fora, mas ele já estava a envelhecer. É difícil para um pai ver-se substituído por um filho que em tudo toma o seu lugar. Vasco, por outro lado, era apenas jovem e belo. Mas «sem vigor», como dissera a Joana. Assim, estabelecera-se entre os dois uma relação feroz em que havia um superior e um inferior, um vencedor e um perdedor. E agora ambos sabiam como deviam correr as coisas: Vasco estava ali para pedir ajuda mais uma vez. Baixaria a cabeça, estenderia a mão e receberia o dinheiro para abrir outra galeria em Roma. Desde que partira, o pai fechara a torneira.

— Que pense nele aquela desmiolada da mulher — dissera um dia a Joana, ao telefone. E ela, que estava em casa, em frente do espelho da entrada, ao ouvir aquela frase olhara-se e sorria de satisfação.

— Sim, ela que pense nisso — respondera imediatamente a seguir. — Depois do que nos fez.

Tiago sabia o que Vasco iria perguntar. Tinha protelado, mas «aque-la italiana», como ele a chamava, certamente não podia dar-lhe muito mais que um teto sobre a cabeça e juntar o almoço ao jantar. Também ela uma «artistóide», mas com um pouco mais de pé na terra do que o seu filho. Não obstante aquele ar de louca desvairada, devia saber fazer contas. Quem aguentava o barco era ela, mas não devia ter dinheiro para

abrir uma galeria. E se tivesse alguma coisa de parte, certamente não faria um investimento tão errado, nem por amor. Tinha ouvido dizer que era do signo terra, não se recordava se Virgem ou Capricórnio. De qualquer modo terra, não fogo como o seu filho, que queimava tudo o que lhe metia na mão. Mas Tiago podia permitir-se este joguinho perverso, aquilo que lhe dava eram apenas umas migalhas. Na verdade, não lhe custava nada dispensar alguns milhares de euros dando a entender bem ao filho que lhe fazia caridade. Sim, não havia outro nome. A Joana, por exemplo, dava muito dinheiro para que as crianças — filhos de um comunista que, além de envergar a camisola com Che Guevara e participar todos os anos na festa do 25 de Abril, se dedicava a colecionar máquinas fotográficas de luxo, roupa nova e muitas comodidades — pudessem frequentar as melhores escolas privadas e até ter lições de equitação. Bem, Joana recebia mensalmente uma transferência que lhe era feita diretamente pelo banco. Vasco não, ele devia pedir, humilhar-se. E ele conhecia bem o jogo. O seu medíocre orgulho podia permitir-lhe ficar calado alguns dias, no máximo uma semana, mas depois tinha forçosamente de fazer a chamadinha pragmática. Então, partia-se de longe, estabelecia-se uma primeira conversa feita de informações e no fim, mesmo no fim, quando o telefonema estava a terminar de forma evidente, Vasco tinha de cuspir o sapo.

— Vi que ainda não me fizeste a transferência.

— Pois. Tive muitas coisas para fazer nestes dias. Deve ter-me passado. Amanhã telefono ao banco.

E depois despediam-se à pressa. E se pudéssemos vê-los em simultâneo, como sucede em alguns filmes que dividem a tela em duas, de um lado estaria quem rejubilava e do outro quem ficara verde lagarto. A imagem do rejubilar desvanecia-se e ficava apenas a do lagarto a contorcer-se de raiva, com o estômago inchado e em chamas.

Com Joana, antes da exposição de Albertini, quando eram gémeos e se adoravam de um modo que inquieta um pouco, encontravam-se frequentemente à tarde para um *toast* no quiosque do Miradouro da Senhora do Monte e a certa altura faziam sempre a mesma pergunta:

— Mas quanto dinheiro terá? — dizia um.

— Muito — respondia o outro.

Tiago não falava dos seus bens. Não era um pai como os outros. E aqueles silêncios não prometiam nada de bom. Calava aquilo que tinha. É claro que dava a entender que estava muito bem, que podia satisfazer qualquer capricho seu e da sua mulher. Mas nunca quantificava.

Rita não se interessava, Joana e Vasco não descansavam. Tiago só falara de uma coisa, uma coisa que para os gémeos fora bastante horrenda: a questão da herança mais substancial que só chegaria depois da morte de Marta. E quem garantia a eles que Marta respeitaria o acordo? Além de prolongar muito a estufa da espera, insinuava mesmo uma enorme dúvida. O que impedia Marta, que sempre os detestara, de ir a um notário amigo e de virar tudo do avesso? Uma doação a um gatil, a um canil, e as suas belas vidas futuras desvaneciam-se em fumo. Por vezes, diante daquele *toast* gorduroso que a certo momento começavam a empurrar com faca e garfo para a borda do prato como se de súbito lhes tivesse explodido a peste, refletiam-se nos olhos um do outro sem conseguirem dizer mais nada.

Foi precisamente aquela expressão da sua irmã que Vasco reviu quando passava sob o arco do relógio para entrar no Terreiro do Paço e aproximar-se do Tejo. Cada vez que chegava àquela ligeira descida, onde inclinando-se se podia tocar a água do rio, pensava sempre que a partir daquele momento faltava-lhe pouco para entrar no Atlântico. Olhou para o alto, não havia uma única nuvem no céu, apenas muitas gaivotas que se perseguiam emitindo aquele grito que parece uma súbita urgência de amor mas também uma ameaça. Quando chegou ao centro da praça foi apanhado pelo vento. Pensou que em Roma não havia um vento assim. E quando havia, era mesmo diferente. Aquele que o envolvia agora era o inconfundível vento atlântico, percebia-se pelo cheiro. Meteu uma mão no bolso dos *jeans*, agarrou o telemóvel e digitou uma mensagem para Albertini. Escreveu-lhe: *Só faltas tu*. Poucos segundos depois viu chegar a resposta: *Estou numa oração de tranquilidade*. Vasco sorriu. Gostava daquelas respostas sempre equívocas. Eram o fascínio de Albertini. Depois divertia-se a interpretá-las. Estava à sua espera mantendo a calma? Rezava para que o tempo passasse depressa? Estava ansiosa de voltar a vê-lo? Quando estavam juntos, acabava por desistir e ela explicava. Mas agora, com todos aqueles quilómetros de distância... Sabia muito bem, se pedisse explicações com outra mensagem a resposta seria ainda mais obscura. Era uma mulher especial, quando lhe escrevia uma banalidade respondia sempre com os seus «onirismos», Vasco chamava-os assim. Para a sua família era um caso de loucura estudada. Aquilo que nenhum deles percebia era o extraordinário talento, a capacidade de ler por trás das espessas lentes da ironia. Há um tempo que se debatia com grandes volumes, cobrira-os com papel de embrulho e à noite voltava a pô-los numa gaveta

que fechava à chave. Eram os seus estudos preparatórios. Os pintores fazem-nos com desenhos. Ela não. Primeiro ela estudava. Certamente estava a apaixonar-se por algum personagem histórico e queria fazer quadros sobre ele. Ele não perguntara, mas seria um trabalho grande, disso tinha a certeza. Devia mesmo ter o dinheiro para abrir a galeria em Roma. Se o fizesse a tempo, inaugurá-la-ia com uma exposição da sua mulher.

### 3



**N**a manhã do dia 24, Vasco foi acordado pelos ruídos que Rita fazia na cozinha e pelo espaço da sua cama que diminuía subitamente. Abriu os olhos e apercebeu-se que os dois gatos obesos dormiam como uma pedra, um à sua esquerda e o outro à sua direita. Não podia saber há quanto tempo estavam ali, o certo é que dormira no mesmo espaço que tem carne picada dentro da tripa. Acariciou, compadecendo-se, aqueles enormes corpos que acabavam com uma cabeça minúscula. Na realidade, a cabeça era a única coisa que permanecia normal, parecia muito pequena em relação a todo o resto que parecia que ia voar de um momento para o outro, ou, não conseguindo, explodir. Os gatos lamberam-lhe a mão e ele pensou mais uma vez que os preferia aos cães. Por temperamento, adaptavam-se melhor a ele. Os gatos também são capazes de estar muitas horas por sua conta. Podem dormir ou olhar por trás da janela o mundo que lhes é inacessível. Depois vêm para o nosso lado com discrição, saltam para as nossas pernas, dão início àquele magnífico concerto do ronronar que é mesmo uma partilha generosa. Olham-nos com aqueles olhos de vidro que poucos sabem compreender e dizem-nos: «Estou a tornar-te participante de uma coisa que faz muito bem. Goza-a sem pensar em mais nada.» E depois esfregam-se à volta dos nossos tornozelos quando têm fome e fazem aquelas vozinhas aflautadas que não são deles, fazem-nas só para nós, para se fazerem compreender melhor. Vasco

pôs-se em pé e com os gatos nos braços encaminhou-se para a casa de banho, onde subiu para a balança. Depois de pô-los no chão, pôs a cabeça de fora e disse a Rita, que ainda estava atarefada na cozinha:

— Tens vinte e um quilos de gatos. Dás-te conta? Tens de pô-los a dieta. Vão ficar doentes.

— Bom dia — respondeu-lhe ela erguendo os olhos ao céu. — Os gatos são todos assim, quando são castrados engordam.

— Que palavra feia — respondeu Vasco.

— Como devo dizer?

— Não sei. Podias dizer algo menos agressivo. Os animais ouvem-nos e percebem quase tudo. Ofendeste-os.

— És doido. Não gostaria de dizer, mas quem vai...

— Com o coxo aprende a coxear? Enganas-te, a minha mulher gosta muito dos animais. Fez-me perceber muitas coisas. Não acreditamos que falam e não são compreendidos, na realidade somos nós que não compreendemos quando eles falam. Bem, nem todos, a minha mulher percebe qualquer animal. De qualquer modo, em vez daquela frase bruta, podias ter dito: «Desde que estão nestas condições.»

— Estou a fazer as filhós para levar esta noite a casa de Joana e...

— Sim, a receita da mamã que nunca encontrámos.

— Estranho, não é? Tinha-as todas na gaveta do móvel da sala de jantar. Só faltava essa.

— Tê-la-á levado.

— Para o hospital? — perguntou ela perplexa.

— Quem sabe — respondeu Vasco.

Rita virou-se ligeiramente. O seu olho direito deslizava quase até à têmpora e não tinha necessidade de voltar-se tanto. Quando a olhava, Vasco pensava sempre que aquele olho era um peixinho.

— Fez uma das suas.

— Da mamã ou da minha mulher?

— Nunca tinha pensado nisso — respondeu Rita diante do fumo do azeite que fritava as filhós. — As duas têm muitas coisas em comum. Teriam gostado uma da outra.

Vasco foi enfiar-se no duche sabendo que em breve a sua irmã iria bater à porta para recordar-lhe que a água escasseava no mundo e não era justo desperdiçar tanta. Eram pensamentos bastante autênticos, mas formulados também por um sentido de poupança muito forte. Em casa de Rita não se podia deitar nada fora, tudo o que era comprado era para

consumir até ao fim. Vasco ficava horrorizado. Ele, mesmo com o pouco dinheiro que tinha sempre bem esticado na carteira, quando o jantar estava terminado lançava senhorilmente o que restava no caixote de lixo. Comer os restos do dia anterior... Coisa de pedintes. Para não falar das horrendas composições que Rita era capaz de fazer: duas batatas cozidas mais meio ovo em mau estado mais um tomate mais três folhas de alface mais um terço de feijões de lata. Para ela representavam um ótimo jantar para o dia seguinte. Quando tinham vivido juntos, depois da morte de Maria do Céu, tinha tentado muitas vezes brindá-lo com este sistema de vida. Algumas noites, Vasco preferia ir para a cama de barriga vazia. A sua irmã Joana, por sorte, era como ele: uma senhora nata. Vasco nunca pensava que Rita era a única dos três que vivia unicamente do seu salário sem nunca pedir nada ao Dinossauro. E que a vida lhe tinha dado pouco. Ou mesmo nada. E tudo o que tinha mantinha seguro como um tesouro. Até as composições dos restos. Voltou-lhe à memória uma viagem que tinham feito os dois à Irlanda, pouco depois de ter ido com Albertini para Itália. Rita pedira-lho há muito tempo, ele não tinha muita vontade, sobretudo porque nunca tinha dinheiro, mas ela tinha sido a única a não se zangar com ele depois da exposição, e então aceitara.

Encontraram-se no aeroporto de Dublin. Vasco teria apanhado de boa vontade um táxi para o hotel, mas Rita já tinha estudado a rede de transportes públicos e foram de autocarro. Depois do primeiro dia, todo passado a caminhar, aperceberam-se de que os restaurantes eram muito caros e Rita propôs comprar alguma coisa nos supermercados, jantar no quarto e poupar o dinheiro para um passeio ao campo e alguns bilhetes de museu. Não desagradou a Vasco. Jantar fora com a irmã significava entrar no máximo num McDonald's, coisa que nunca faria.

— Porquê? — perguntou-lhe ela furiosa.

— Porque a minha religião mo impede — respondia ele imitando o heraclitismo de Albertini.

Mas Rita não tinha um grande sentido de humor linguístico e reagia obstinada, dizendo que embora não fossem muito crentes de qualquer modo tinham sido batizados e a religião católica não impedia ninguém de entrar num McDonald's. Vasco respondia que a questão era mais complicada do que isso e Rita desistia para não ser invadida por «uma grande dor de cabeça», como dizia sempre nestes casos. No final da viagem, quando fizeram as malas, Rita pretendeu que tudo o que tinha ficado no pequeno frigorífico do seu quarto fosse «tirado». Vasco recusou-se dizendo que não

tinha fome, se tivesse mais tarde, comeria alguma coisa no aeroporto. Só a ideia da imprudente compra de comida, ainda por cima num local onde era notoriamente muito caro, fez revirar os olhos a Rita, que se sentou na beira da cama com todas as suas coisas preparadas sobre a colcha. Calculando o tempo que tinham antes de terem de deixar o quarto, Rita comeu até ao último bocado o que tinha restado e bebeu até à última gota o sumo de fruta, a água, o leite e a cerveja que permaneciam no frigorífico. Vasco pensou que ela não podia sentir-se bem, cheia como estava e depois de ter misturado sólidos e líquidos incompatíveis entre si logo de manhã. No autocarro para o aeroporto Vasco ouviu perfeitamente que, embora num tom voluntariamente contido, Rita dera uma sucessão de pequenos arrotos. Imediatamente após o *check-in*, entrou num bar e comeu um pãozinho vegetariano, bebendo um café duplo, sob o olhar desgostoso de Rita, que durante todo o tempo não parou de sacudir a cabeça.

Ao repensar naquela viagem, sorriu ao primeiro gole de café quente que Rita lhe deitara na chávena. Depois levou aos lábios uma fatia de pão torrado com manteiga. Naturalmente, pão em embalagem, daquele a baixo preço e cujo prazo praticamente nunca caduca porque está cheio de conservantes. Só comeu metade. Mas para que Rita não se apercebesse, restabeleceu o velho hábito que tinham os três quando a mamã punha na mesa algo que não era do seu agrado: comiam um pouco, mas a maior parte atiravam pela janela. E faziam-no com uma elegância atlética. Esperavam que ela olhasse para um lado, ou se levantasse da mesa para ir buscar alguma coisa, e com a força do bicípite partia o lançamento plástico do leve peso. Crepitavam de vontade de ir de imediato olhar lá para baixo, mas não podiam. Então, uma tarde Vasco propôs que fossem brincar na rua com os outros miúdos do prédio. As irmãs seguiram-no descendo as escadas desalmadamente atrás dele, que era o mais veloz, corriam sem conseguir travar as risadas plenas de eco. E, quando finalmente chegaram à rua, verificaram com satisfação o seu vandalismo, do qual já se aproveitavam gaivotas e pombos. Estes últimos muito menos. Sabiam que com aqueles famintos havia pouco a fazer, corriam o risco de ficar com um buraco na cabeça para depois serem descarnados vivos. A gaivota não é estúpida, preferia a carne fresca ao pão torrado. Por sua vez, o pombo, quando podia, desferrava-se sobre o transeunte incauto que se aproximava. Mas não o comia, porque o pombo é ave de cereais. «Sabe isso quem os conhece bem», dizia sempre Albertini, fazendo arrepiar o auditório. «Quando os beijas no peito sentes o perfume a pão acabado de sair do forno.»

— Ainda sinto muito a falta da mamã — disse Vasco com a chávena vazia na mão.

— Tanto sofrimento para depois ter aquele fim tão mau — disse Rita, começando a pôr as filhós douradas num prato.

— Não devias colocá-las num guardanapo de papel para fazer absorver todo aquele azeite? — perguntou-lhe Vasco, distraído.

— A mamã fazia-o?

— Parece-me que sim. Faz-se com tudo o que é frito. Se lhes deixares todo aquele azeite em cima, ficam pesadas.

— Quem se importa. Fi-las e esta noite levo-as a casa da Joana.

Vasco lembrou-se de Albertini: «Sois o único país no mundo que come os fritos passadas muitas horas, quando já estão frios ou gelados. É uma brutalidade. Não é preciso muito para perceber que os fritos são comidos quentes.» Nunca pensara nisso até a conhecer. Apercebera-se disso em Itália ao entrar nas charcutarias. Em Roma, quando alguém comprava um croquete de arroz, a primeira coisa que perguntava era se ainda estava quente. E se não estava mandava aquecê-lo. Era uma questão de atenção ao detalhe. Aquela dose de requinte que até uma simples charcutaria podia permitir-se. Em Portugal comia-se bem, mas havia pouco fantasia. Os vegetais, por exemplo, eram sempre cozidos. Agora até ele os preferia passados na frigideira, como em qualquer região do *Bel Paese*. Respirou fundo e olhou as poucas migalhas que deixara sobre a mesa, passando as pontas dos dedos por elas. Nessa noite voltaria a ver Joana e Nuno.

— Nunca sentes a falta de Joana? — perguntava-lhe frequentemente Albertini.

— E por que razão? Passou tanto tempo. Agora já não a conheço.

Era uma resposta sincera ou uma resposta «à Vasco»? Perguntou-se naquele momento, com a batida a acelerar-se, uma fiada de cobardia a correr-lhe nas veias. Aquela estranha forma de orgulho, aquele poço de orgulho inútil em que se transformara: aceitar dinheiro de um pai que o desprezava e convencer-se que não sentia a falta de uma irmã gémea. Negá-la, afirmar que já não sabia quem era. Bastava um silêncio de mais de um ano e meio para apagar um grande amor? E mordeu o lábio inferior com violência. Que raio de frase era aquela?

Passou o resto do dia sem fazer nada. Teria tido vontade de ir passear por Lisboa, mas a noite que o esperava paralisara-o. Repetia-se muitas vezes: «uma família castradora.» Deixara de fazer deduções há algum tempo. Todos se tinham magoado, mas preferia não pensar nisso. Era melhor

deter-se no facto que todos lhe tinham feito mal. Naqueles dias, e por muito tempo ainda, Vasco não estava preparado para dividir as culpas. Havia dois blocos distintos: ele e os outros. E os outros tinham sido uma espécie de *complot* desejado para ele pela fatalidade dos dias. Porque os dias eram fatais. Pareciam sempre semelhantes, mas nunca era verdade. É claro que depois vinha o dia em que acontecia algo de muito definitivo que mudava uma vida, mas surgia no fim de uma grande quantidade de dias que, sem lhe dar a ver, tinham sido todos fatais, cada um deles com o seu punhado de pó a espargir sobre a vida que lhe cabia. Era da sucessão de cada um desses pequenos depósitos, dessas transferências do destino, que depois chegava o dia diferente de todos os outros, para melhor ou para pior. E imediatamente a seguir recomeçava-se a acumular. A estagnação aparente e a explosão. Era assim a vida, uma escavação subterrânea que era feita em parte com as mãos e em parte com as pás, como se a longo prazo se pudesse pensar noutros meios além daqueles, para depois passar subitamente à dinamite. Uma ideia que só chegava de vez em quando e depois voltava a adormecer, deixando que a fatalidade dos dias retomasse as suas lentas escavações.

Na sala, acima de uma coluna, estavam penduradas algumas fotografias. A mamã com os seus três filhos, e depois os três filhos, cada um numa fotografia separada. Naquela em que estavam todos, que ano podia ser? Certamente a mamã ainda não tinha adoecido. Muita vida naqueles magníficos olhos azuis. Como são radiosas as fotografias. Pergunta-se a alguém que passa se nos tira uma fotografia e de repente assume-se a melhor expressão. Parece que todos se tornaram milionários naquele instante, ou que uma luz interior, de grande potência, escolheu o momento do disparo para se tornar visível, evidenciar-se. Vasco sacudiu a cabeça. Como era possível que ainda se deixasse enganar? Mas era assim. Diante de uma foto sorria sempre e, depois, quem a tivesse guardado, talvez apenas por um instante, se deixasse enganar. Ficou de pé diante daquelas imagens e pensou: a luminosidade da representação.

— Que ano era? — perguntou à irmã, que de uma gaveta da cómoda acabara de tirar os rolos de papel brilhante colorido, a tesoura e as fitas.

Rita parou. Pôs no chão aquilo que tinha tirado e aproximou-se dele.

— Não te recordas? Tínhamos regressado da nossa viagem a Áustria. A nossa última viagem. E estávamos no jardim do hospital porque a mamã ia ser internada de novo. Tínhamos acabado de sair da aceitação. Disse-nos: «Depressa, vamos tirar uma fotografia antes de eu vestir a

camisa de noite e o roupão e calçar as pantufas. A última fotografia em traje civil.» E depois começou a rir, e como nenhum de nós três o fazia, pediu ao senhor que ia tirar a fotografia para esperar e disse-nos que nós também devíamos rir. E depois acrescentou: «Por favor, meninos.» Ela nunca chegou a ver esta fotografia. Levei o rolo para revelar quando já tinha morrido pelo menos há dois meses. Ficara numa gaveta e não tínhamos voltado a pensar nele.

Vasco ficou diante daquela imagem com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. Não conseguia manter os lábios completamente fechados. O enganador imbróglio das fotografias, a sua falsa luminosidade. Como pudera colocá-la num tempo tão distante? Quatro sorrisos forçados chegam a tanto?

— Ajudas-me a preparar as prendas? — perguntou-lhe Rita, pondo o que era preciso sobre a mesa de jantar.

Vasco voltou-se para olhar e quase pareceu ficar encolhido. Numa família dominada pela avareza as prendas de Natal eram uma coisa deplorável. Eram compradas, mas era preciso fazer de modo que custassem o mínimo possível. Contava o pensamento. Contava sobretudo ser poupado porque era um dever. De qualquer modo eram uma família, que sentido teria, no dia de Natal, não ter prendas para abrir? Também era uma maneira de ocupar o tempo. Geralmente, as suas refeições de Natal duravam pouco. No domingo, encontravam-se sempre no mesmo restaurante com Tiago, A Lontra. O tempo de estarem todos à mesa, pedirem, comerem, verem o pai a pagar a conta exibindo os seus muitos cartões de crédito e despedirem-se uns a seguir aos outros uma vez no exterior. Nunca durava mais de uma hora e meia. No dia de Natal, a coisa alongava-se muito, a refeição era em casa de Tiago e devia demorar o mesmo que as refeições das outras famílias. Naquele dia todos eram obrigados a esforçar-se para estarem juntos o maior tempo possível. Então, as prendas serviam também para isto. No íntimo de cada um bastaria o tempo não de desembulhá-las, mas de rasgar o papel em pedaços, dar uma olhadela de revés ao conteúdo e depois lançá-lo sobre a primeira poltrona ao alcance da mão. Mas não, era preciso demorar tempo, tirar o papel com cuidado, fazer alguns comentários sobre como o pacote fora bem preparado, sobre a escolha a condizer do laçarote e depois retirar a prenda, mostrá-la a todos, esperar os seus entusiásticos comentários, algumas insípidas piadas e o jogo estava feito. Eram oito. Se a coisa fosse bem torneada, podia-se contar também com uma hora. Ajudava muito a disposição dada por Tiago para que as suas prendas fossem as últimas a ser

abertas. Era uma questão de vaidade. Era o único a dar prendas que valiam alguma coisa e gostava de concluir com a certeza que só as suas ficariam na memória, varrendo as dos outros.

Tocou-lhe assistir ao empacotamento de meias, luvas de lã, pijamas de supermercado, sabonetes, gel de banho, *aftershave*, um CD comprado na Feira da Ladra por poucos euros. Vasco punha o dedo cada vez que Rita tinha de fazer o nó com a fita, que depois era enrolada com uma faca. Quando o pacote estava pronto, escolhia-se o laçarote, que era sempre colocado no mesmo sítio: no alto à direita.

— Tu arranjaste as prendas de Natal? — perguntou-lhe Rita subitamente.

— Ainda não.

— E quando pensas fazê-lo?

— Não penso fazê-lo. Não tenho tempo.

— Mas não podias trazer alguma coisa de Itália? Teria causado uma boa impressão.

— Não pensei nisso.

— E agora?

— Não sei. Paciência. Serei o único que não o faz.

— Olha, eu ainda tenho os recibos de tudo porque sou da opinião que se uma coisa não agrada deve ser trocada. Se me deres metade do que gastei, podemos dizer que o fizemos em conjunto.

— Parece-me uma boa ideia — respondeu Vasco, sentindo a chegada das câibras no centro do estômago.

Recomeçaram a fazer os embrulhos em silêncio. Rita estava muito radiante. Aquele ano tinha-lhe corrido de luxo. Do pouco que tinha despendido, iria receber metade. As suas feições em suspenso predispueram-se para o sorriso. O olho direito lacrimejava porque no dia anterior se esquecera de pôr a pomada. Nunca se fechava totalmente e devia ser hidratado. Mas agora não lhe importava, aquelas lágrimas mecânicas e não emotivas desciam-lhe pela face magra, e para não as deixar cair sobre o papel da prenda estava continuamente a tamponá-las com as costas da mão.

Os dois gatos obesos brincavam com o resto das fitas que caía no chão. Faziam breves e desajeitadas corridas que acabavam sempre com grandes embates do traseiro contra a parede da entrada. Vasco sacudiu a cabeça.

— Estão gordos demais. Devias pô-los a dieta.

— Estás a brincar? Estão habituados assim. Se não lhes dou de comer, choram e provocam-me uma grande dor de cabeça.

— Mas assim vão adoecer e viver menos.

— O mundo está cheio de gatos. Terei outros.

Vasco levantou-se e foi para o seu quarto. Procurou na mala esperando encontrá-lo. Encontrou-o magoando a ponta de um dedo contra o plástico, quase se ferindo. O Kompensan, a maior invenção portuguesa. Até o levava para Itália. Meteu um comprimido na boca, deixou-o dissolver-se sem o mastigar e as câibras atenuaram-se. O sol brilhava simulando a força do verão e não havia uma única nuvem no céu. Mas havia o vento. Era evidente mesmo com as janelas fechadas, mesmo se do sétimo andar nem sequer se via uma árvore. Embora tudo parecesse imóvel, quem nascera em Lisboa conseguia vê-lo correr mesmo no nada que agora Vasco fixava sentado na cama. Para olhos experientes como os seus o vento nunca escapava, mesmo num céu onde não havia sequer uma única nuvem navegante.

Vasco passou o resto do dia em apneia. Ouvia o rumor da sua pouca e calibrada respiração. Ali estava ele, com o receio de ser assaltado por um ataque de asma de um momento para o outro. Desde que conhecesse Albertini eram mais raros, mas uma respiração plena, profunda, custava-lhe sempre muito. Parecia que nos seus pulmões havia uma barreira intransponível. A sua melhor respiração ficava ali parada.

Sairiam de casa às sete da tarde. Apanhariam um táxi para a casa de Joana. Rita andava pela casa em roupão, tinha acendido as luzes intermitentes da árvore e pusera nela as prendas que levaria no dia seguinte para casa do pai, como se já estivessem prontas para o despertar de toda a família. Vasco olhava-a. Aquela mulher minúscula era o milagre que a sua mãe deixara na Terra. A reconstrução de um coração que ao sair do seu ventre tinha deixado todos pasmados depois das primeiras palavras do ginecologista: «Não bate como os dos outros. Não vai durar.» Talvez tivesse sido precisamente devido àquelas expressões aterrorizadoras que Maria do Céu tinha encontrado a força para enfrentar aquela grande epopeia. Um coração com as batidas ao acaso, devido a uma natureza distraída, e que ela recompusera, tornara quase normal e sem transplantação. Porque lhe disseram claramente: um coração transplantado não teria durado mais de uma dezena de anos. E ela o que iria fazer para ter uma filha só por «uma dezena de anos»? E cada vez que lhe abriam o peito para operá-la, ela não tinha dúvidas: por trás das mãos hábeis dos cirurgiões estaria sempre o seu pensamento poderoso. Naqueles momentos, quando ficava horas e horas à espera que a intervenção terminasse, sabia que era a sua ignorância que orientava a ciência. Se não fosse ela,

a sua intuição de mãe habituada à agulha e à linha para virar os vestidos dos filhos, nenhum médico português teria aconselhado naqueles anos a tomar a iniciativa de uma obra tão beneditina que iria durar quase vinte anos e lhe iria preservar a vida. Todos os anos, quando acabava a escola, mãe e filha iam para Londres. Maria do Céu alugava um pequeno apartamento próximo do hospital, mas na realidade estava quase todo o tempo ao lado da filha. Uma operação do género nunca mais acabava. Horas e horas de espera. De vez em quando comprava umas fichas para telefonar a Dona Custódia, a sua madrastra, que tinha por aquela menina um amor doentio. Quando alguém lho dava a entender, respondia sempre que também Rita estava doente e não era possível amá-la de maneira diferente. Por vezes, Vasco e Joana ficavam em Lisboa com os avós, mas geralmente acompanhavam a mãe, passando o verão a brincar com os carrinhos no jardim do hospital. Eram dias de melancolia infinita, daqueles que não deixam marca no presente mas estão destinados a inchar com o tempo, uma grande pedra que os dois gémeos iriam arrastar para sempre atrás de si. A irmã rodeada das atenções da mãe e os dois abandonados horas e horas a brincar sozinhos no jardim. À noite, quando regressavam a casa, acontecia muitas vezes fazerem uma birra: a comida não estava bem cozinhada, só comiam sandes, nunca havia um doce no frigorífico, nem um sumo de fruta. Quando insistiam muito, Maria do Céu perdia a paciência: «Também vocês querem aborrecer? Não basta a vossa irmã? Os vossos caprichos só me irritam. Gostariam de estar no lugar dela?» Esta última pergunta era devastadora, porque crianças tão pequenas talvez trocassem de boa vontade. É claro que viam o sofrimento, mas as contínuas atenções da mamã valiam mesmo muito. Uma vez Joana respondera-lhe: «Sim, gostaria de estar no lugar dela.» E Maria do Céu dera-lhe uma bofetada que lhe deixara a marca dos dedos durante dois dias. «Nunca mais te atrevas a dizer uma coisa do género, percebeste?» Vasco mantinha-se afastado, não gostava de discussões, desde muito pequeno decidira que acontecesse o que acontecesse na vida sofreria em silêncio. Estabelecera que as palavras eram inúteis porque em vez de esclarecer complicavam e que o melhor trabalho em que devia exercitar-se era o do esquecimento. Era muito bom nisso, fazia-o dia após dia, deixando a mãe muito perplexa.

- O que comemos ontem à noite?
- Não me recordo.
- Há quantos dias estamos aqui.
- Não sei dizer.

- Quantas operações já fez a tua irmã?
- Ainda não sei contar bem, mamã, só tenho quatro anos.

— VASCO, SÃO SEIS E MEIA, COMEÇA A VESTIR-TE QUE TEMOS DE partir.

- Temos de levar as prendas?
- Esqueceste-te? As prendas trocam-se no dia 25. Em casa do papá.